

KANT E AS 'GRANDEZAS NEGATIVAS': UMA CRÍTICA AO RACIONALISMO DOGMÁTICO E A OPOSIÇÃO REAL COMO POSSIBILIDADE DA EXISTÊNCIA DO SIMPLES POSSÍVEL¹

Marcio Tadeu GIROTTI²

RESUMO

No presente artigo buscaremos apontar a crítica de Kant ao racionalismo dogmático promovendo uma aproximação entre o “Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia” e o “Único argumento possível de uma demonstração da existência de Deus” (*Beweisgrund*), ambos de 1763, com o intuito de configurar os dois escritos como obras que guardam uma crítica à corrente leibniz-wolffiana que considera a razão como detentora do poder de determinar a existência das coisas, bem como provar a existência de Deus por meio de inferências lógicas sem comprovação empírica. Nesse sentido, mostraremos que ambos os escritos apontam na direção da crítica ao racionalismo, fazendo uma aproximação do contexto da *oposição real potencial* presente nas ‘Grandezas Negativas’ com o argumento da existência do *simples possível* no *Beweisgrund*.

Palavras-Chave: Grandezas negativas. Crítica ao racionalismo. Oposição real potencial.

1 Introdução

O tratamento dado por Kant às “Grandezas Negativas” condiz, de certo modo, com o objetivo de tratar a década de 1760 como possuindo traços antidogmáticos; pois, aqui Kant se volta contra a matemática no contexto da oposição real no que concerne às grandezas e contra a filosofia que emprega o conceito matemático de forma inadequada, introduzindo assim a questão da experiência como o campo onde se desenrola a oposição real em contraste com a oposição lógica que diz respeito ao princípio de contradição. Aqui, aproveitamos a divisão da oposição real em *efetiva* e *potencial* para aproximar o *Beweisgrund* dentro do contexto da existência e a articulação com o sensível, apontando a crítica de Kant ao racionalismo que promove a razão como detentora de todo o conhecimento, ao passo que ela só pode dar conta da possibilidade das coisas existirem (essência) e não da determinação de sua existência, ou seja, a razão se limita à essência e não à existência.

¹ Pesquisa que faz parte do projeto de Iniciação Científica financiado com bolsa FAPESP.

² Graduando do 4º ano do Curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp, CEP 17525-900, Marília, São Paulo – Brasil. Orientador: Prof. Dr. Lúcio Lourenço Prado. E-mail: girotti_mtg@hotmail.com

Para compreendermos melhor o ponto da articulação dessas duas obras da década de sessenta, compartilharemos com a interpretação de David-Ménard que permite pensarmos as “Grandezas Negativas” como o ponto de aproximação tanto em direção ao *Beweisgrund* como em direção à *Crítica* de 1781. Em seu livro “A loucura na razão pura” David-Ménard argumenta acerca das grandezas negativas em seu estatuto de conflito real (oposição real) afirmando que o raciocínio que se volta ao mundo refere-se a um pensamento de uma existência possível e, posteriormente, a uma existência conforme regras da experiência, o que equivale a dizer que o conhecimento se liga à sensibilidade que possui regras próprias como é o caso da “Estética Transcendental” kantiana na *Crítica da razão pura*. Segundo a autora, o conflito real ou oposição real representa o ponto elementar para o conhecimento dentro da filosofia kantiana, pois, permite a compreensão do papel do entendimento no campo do conhecimento, uma vez que a matéria intuitiva da sensação é elaborada pelo próprio entendimento e pode ser chamada de ‘determinante da existência’ no contexto da existência como posição. Nesse sentido, o conflito real promove a ligação de uma realidade com outra configurando o estatuto fenomenal da realidade e “através do entendimento, a existência <Existenz> é determinada em objetos existentes <daseiende gegenstände>”, ou seja, a grandeza negativa é tida como “instrumento conceitual da determinação da realidade”. (1996: 46).

Diante disso, é interessante observar que a autora interpreta as “Grandezas Negativas” como o escrito que propiciou o primeiro passo para a crítica à ‘ontologia’ leibniziana, uma vez que a negação age sobre aquilo que existe, sobre o fenômeno, permitindo a determinação do existente (fato presente no *Beweisgrund*). Além disso, ela afirma que a reflexão kantiana acerca do conflito real é uma reflexão sobre a existência dos objetos reais organizados mediante esse conflito sendo que Kant não ignorava que tal conflito se aproximava da *existência como posição absoluta*, ademais, a oposição real pode ser configurada como uma via de acesso à existência do fenômeno.

O conflito real enunciado no *Ensaio* sobre as grandezas negativas é, portanto, o ponto de acesso à verdade e não somente às representações, uma vez que o erro é uma verdade negativa do mesmo modo que a refutação é uma prova negativa. Por fim, David-Ménard afirma que a oposição real em relação à antinomia do mundo juntamente com a lógica conflituosa dos fenômenos é o fio condutor (interpretativo) da *Crítica* (1996: 230).

Como podemos perceber, segundo a interpretação acima, o *Ensaio* complementa aquilo que no *Beweisgrund* estava posto: a existência é posição absoluta e o conhecimento se dá no campo sensível. Assim, a interpretação que temos das “Grandezas” está configurada na oposição real (efetiva e potencial) como a responsável pela *possibilidade da existência do simples possível*, uma vez que a oposição real se desenrola no campo da experiência e é aqui que o simples possível ganha o estatuto real.

2 As “Grandezas Negativas”: plano da obra

As críticas dirigidas ao dogmatismo da época (corrente leibniz-wolffiana) é quase inegável quando abordamos o tema da crítica ao racionalismo no contexto dos escritos da década de sessenta. De acordo com Kant, os racionalistas fingem tudo saber e tudo compreender, além de elevar a razão ao patamar de tudo conhecer e poder determinar a existência das coisas sem recorrer a uma prova que aponte a verdade e a realidade daquilo que ela postula, como sendo verdadeiro e existente. Nesse sentido, Kant não esconde o seu descontentamento e escreve em 1763 o “Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia”, com o intuito de fundamentar a metafísica com princípios oriundos da matemática e elucidar o conceito de oposição real tratado como equivalente à oposição lógica, tanto pelos matemáticos quanto pelos metafísicos.

Em sua argumentação, a “grandeza negativa” é ratificada como algo positivo que se opõe a uma grandeza positiva, ou seja, ela não é uma negação, mas uma oposição. Com isso, temos que uma negação é uma oposição de coisas positivas que numa relação se opõe uma suprimindo a outra e, para tanto, o objetivo principal da obra é diferenciar a oposição lógica da oposição real que, segundo Kant, ao longo do tempo foram tomadas como equivalentes, uma vez que o conceito de grandezas negativas provém da matemática e os próprios matemáticos caem em erro ao aplicá-lo como negação, já que o mesmo é uma grandeza positiva, ou seja, não é simplesmente uma negação e sim uma oposição que pode representar ausência ou privação.

A obra está dividida em três seções que seguem uma seqüência simples, a saber: explicação do conceito de grandezas negativas e exemplos retirados da matemática,

elucidação do conceito de grandeza negativa na filosofia com exemplos retirados dela e aplicação desse conceito aos objetos da filosofia.

Na primeira seção observamos a distinção da oposição lógica da oposição real, sendo a primeira posta sob o princípio de contradição, ao passo que a segunda é obtida sem contradição. Se tomarmos algo e dele afirmarmos ou negarmos predicados ao mesmo tempo, temos uma contradição (um nada); ao contrário, se os predicados de algo são opostos sem contradição, obtemos uma oposição em que um suprime no outro o que está sendo afirmado; do mesmo modo temos um nada, mas sem contradição.

Para tratar do exposto acima utilizaremos o exemplo do repouso para a oposição real e para a oposição lógica, o exemplo do movimento. No primeiro caso, duas forças motrizes submetidas a um mesmo corpo dirigem-se para lados opostos, uma força suprime na outra o seu contrário, são opostas, portanto, o corpo fica em repouso; no segundo caso, um corpo não pode estar e não estar em movimento ao mesmo tempo, estando, portanto, em contradição.

Na matemática, quando duas grandezas estão reunidas por oposição, sendo que uma suprime na outra o equivalente a si mesma, temos uma grandeza negativa, como exemplo podemos citar: $a - a = 0$, um é a grandeza negativa do outro e, neste caso, o sinal (-) é utilizado para indicar esta grandeza. Com efeito, tomando o exemplo dado por Kant: se possuímos +8 de capital e -8 de dívida há uma supressão de mesmo valor, o que equivale a zero=0; mas a dívida não é ausência de capital, pois seria zero=0, sendo $+8 + 0 = +8$, o que não é o caso. Neste ponto, quando os matemáticos atribuem o sinal (-) às coisas negativas, tomando elas por ausência, eles caem em erro; portanto, grandezas negativas, segundo Kant, devem ser assentadas em relações de oposição real, não havendo negações, mas oposições.

Deste modo, a negação pode ser utilizada de duas maneiras: quando dois fundamentos positivos se opõem, temos uma consequência de oposição real, isto equivale a uma *privação*; porém, não havendo fundamento positivo, isto é, não havendo uma consequência de fundamento positivo em oposição real e sim a falta dele, obtemos uma *ausência*. Exemplificando temos: no repouso, há duas forças que atuam em sentido contrário, uma suprimindo a outra, existe uma privação de forças que se opõe sendo ambas

positivas, ao passo que não havendo forças que atuem sobre um corpo, há ausência de força, permanecendo o corpo em repouso, pois, não existe força alguma (KANT, 2005: 66).

Na segunda parte, os exemplos de grandezas negativas são obtidos da filosofia. Como exemplo tomaremos o que diz respeito à doutrina da alma. Podemos inferir que o desprazer seja uma ausência de prazer, caso este que poderíamos representar por zero; porém, possuindo um prazer sobre algo e submetidos a certo desprazer sobre o mesmo objeto, sendo este equivalente a zero (ausência de prazer), não haveria mudança alguma no prazer que sentíamos, pois não houve qualquer redução a este, ou seja, o desprazer não suprimiu nada de meu prazer. Se tomarmos, todavia, o desprazer como privação do prazer teremos um prazer negativo que suprime em parte ou inteiramente o prazer e, neste caso, haveria uma oposição real, conseqüentemente, uma grandeza negativa.

No âmbito da terceira seção³ Kant estabelece duas determinações acerca da oposição real, sendo elas a *efetiva* e a *possível* (potencial). Quando há uma oposição real de duas forças em um mesmo corpo, sendo que uma suprime a outra, denominamos esta oposição como efetiva; ao contrário, quando dois corpos se distanciam em uma mesma linha reta, possuindo direções opostas, em que uma força se opõe à força do outro, temos que um corpo é o negativo do outro, estando, portanto, em uma oposição potencial (ocorre em dois corpos diferentes em que um possui a força contrária à do outro; porém pode ocorrer em um mesmo corpo – em um sujeito por exemplo – sendo necessário que exista um impulso para que uma oposição se manifeste perante a outra, pois as oposições sempre estão presentes, mas é necessário um impulso para que elas se manifestem).

Este *Ensaio*, entre outras coisas, faz referência a pelo menos três temas que contribuem para a evolução do pensamento kantiano⁴. O primeiro diz respeito à moral, em que um sujeito pode ser bom ou mau ao mesmo tempo sem que deixe de ser bom ou mau em algum momento, em outras palavras, o homem é bom, mas ele pode em certa situação ser mau sem que isso o leve a ser dito como um homem mau que não possui nada de bom em si, pois, sendo ele bom o mau irá suprimir algo dele configurando uma oposição estabelecida como privação do bem, uma oposição real e sem contradição, ao passo que

³ Cf. KANT, 2005: 84-85, §2.

⁴ Juan Arana afirma que o *Ensaio* possui três temas patentes, a saber: a aplicação dos raciocínios obtidos na matemática à metafísica; a subordinação da lógica à metafísica; a demonstração da concepção analítica do juízo como algo impróprio. (cf. ARANA, 1982: 174).

uma oposição lógica não permitiria um mesmo sujeito ser e não ser mau ao mesmo tempo, pois, o sujeito estaria em contradição consigo mesmo.

Por outro lado, o *Ensaio* trata da causalidade com referência a Hume, acerca da necessidade de algo ser posto em consequência do outro, além de compreendermos que causa e efeito só podem se desenrolarem no campo da experiência, mas não deixam de ser uma categoria do entendimento tal como será estabelecido na “Crítica da Razão Pura”. Por fim, o tema que mais nos interessa concerne à oposição real efetiva ou potencial, que nos remete ao *Beweisgrund* e à argumentação da existência ou não do simples possível, além da constatação da oposição lógica (princípio de contradição) como insuficiente para provar a existência das coisas e, conseqüentemente, do mundo real.

Estabelecido brevemente o plano da obra, podemos passar às argumentações que caracterizam a crítica ao racionalismo e às aproximações entre o *Beweisgrund* e as “Grandezas” acerca da existência do simples possível configurado em relação à oposição real.

3 As “Grandezas Negativas” e a aproximação com o *Beweisgrund*

A distância que separa os escritos da década de 1760 da *Crítica* é de aproximadamente vinte anos, mas se observarmos os temas que compõem tais obras iremos notar que ao invés de estarem distantes em relação às datas de sua elaboração e publicação, elas estarão muito próximas no que respeita ao assunto por elas abordado. Jaume Casals Pons, em seu “comentário” às *Grandezas* e aos *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica*⁵ (1766), acredita na possibilidade de aproximar as “Grandezas Negativas” e os “Sonhos de um visionário” da *Crítica*, uma vez que ressalta as obras como escritos que não poderiam ser classificados como “escritos de juventude” kantiana, devido à aproximação dos temas tratados nas três obras⁶.

Considerando que é patente a opinião de Pons, aproveitaremos essa perspectiva e lançaremos um olhar ao *Beweisgrund* e tentaremos aproximá-lo das *Grandezas*, visto que

⁵ Obra que trata dos limites do conhecimento humano, promovendo uma crítica à metafísica por meio da figura de Schwedenberg, o visionário que acredita ter acesso ao mundo supra-sensível, tal como os metafísicos e suas provas configuradas por meio de inferências lógicas sem comprovação no campo da experiência possível.

⁶ Cf. PONS, 1982: 37.

as argumentações desenvolvidas por Kant nessas duas obras estão muito próximas no que concerne à existência ontológica do simples possível e a existência efetiva desse mesmo conceito, ao passo que a introdução do conceito de grandezas negativas em filosofia abre as portas para a construção da oposição real como algo efetivo no campo da experiência, uma vez que ela pode demonstrar que num mesmo sujeito há a possibilidade de existir oposições que não se contradizem, algo que vai de encontro à refutação do princípio de contradição como o único princípio de conhecimento conforme ressaltava a corrente leibniz-wolffiana que foi criticada por Kant no ano de 1755 com a “Nova Dilucidatio” e parece ser novamente posta em xeque na década de 1760 com as duas obras em questão.

[...] na Tentativa de 1763 [*Beweisgrund*], distinguia-se um fundamento real de um fundamento lógico, e isso será feito, com a proposição que a causalidade real é sintética, de encontro ao pensamento lógico que seria analítico, estabelecendo o problema da causalidade que seria posteriormente o desenvolvimento do problema crítico⁷. (LOMBARDI, 1946: 126, tradução nossa).

Como podemos perceber nas palavras de Lombardi, a oposição lógica e a oposição real já haviam sido pensadas no *Beweisgrund*, uma vez que o argumento ontológico de 1763 não apreendia a realidade, ao mesmo tempo em que o princípio de contradição tornava o conceito de simples possível algo impossível se este estivesse em contradição consigo mesmo (internamente). Ao contrário, a oposição real corresponde à existência do simples possível no campo sensível, já que as coisas que existem efetivamente são postas no espaço, possuem uma posição absoluta e, deste modo, a oposição real que será abordada nas *Grandezas* (Ensaio) corrobora a argumentação tratada no *Beweisgrund* no que concerne à existência efetiva do conceito de simples possível que não se encontra em contradição.

Retomando o argumento kantiano (o conceito de simples possível é somente possível se este não se contradiz, e que realidades não se contradizem, mas se opõem) poderemos compreender o plano estabelecido com a oposição real. Para entendermos melhor este ponto cito o trecho retirado do *Beweisgrund* em que Kant afirma a não-contradição de realidades que se opõem:

[...] duas realidades jamais se contradizem uma em relação à outra, uma vez que elas são duas afirmações verdadeiras; pois, elas não se

⁷ “[...] nel Tentativo de ’63, a distinguere un fondamento reale da un fondamento logico, e sarebbe venuto, com la proposizione che la causalità reale è sintetica, di contro al pensiero logico che sarebbe analitico, a stabilire quel problema della causalità dal quale si sarebbe di più in più sviluppato il problema critico”.

contradizem em um mesmo sujeito. Eu concordo com o que segue que aqui não existe contradição lógica, mas o conflito real não desaparece naquela. Este conflito se produz todas as vezes que alguma coisa, enquanto princípio, aniquila, por uma oposição real, a consequência de outra coisa⁸. (KANT, 1973: 97, tradução nossa).

Realidades não se contradizem porque são verdadeiras; nesse sentido, um conceito que se coloca como real e existente deve ser posto no campo sensível, visto que é aqui que a realidade se desenrola e é aqui que se pode afirmar que duas realidades não se contradizem, pois, não há a possibilidade da contradição (como fundamento lógico), já que o simples possível só pode existir se ele não se contradiz, portanto, a existência não pode ser estabelecida no campo lógico, mas na experiência, onde se encontra a ordem fenomenal, ou melhor, os eventos da oposição real. Nesse sentido, a oposição real pode ser estabelecida como o *princípio do existente efetivo*, aquele que existe efetivamente e sem contradição, permitindo que o sujeito cognitivo possa construir representações dos objetos que se colocam no espaço (e no tempo).

Podemos aproximar as duas obras em questão por um outro viés, resgatando o plano da causalidade tratado nas *Grandezas* em relação ao conceito de força no campo da oposição real efetiva (atual) ou potencial (possível), estendendo estes dois tipos de oposição ao argumento do simples possível e daquele que existe efetivamente.

Como já foi dito, com a aplicação do conceito de grandezas negativas à filosofia, a tese da oposição real é estabelecida com o intuito de demonstrar que duas coisas contrárias (de grandezas opostas) podem estar em um mesmo sujeito sem que haja contradição, mas há uma supressão. Isto fica claro se levarmos em consideração o conceito de força física, visto que é nesse ponto que Kant exemplifica a oposição real em suas subdivisões, a saber: *atual e potencial* (ARANA: 1982). A primeira diz respeito a dois corpos que se chocam e transferem de um para o outro uma quantidade de força, sendo que um suprime do outro uma quantidade maior ou igual ficando em movimento ou em repouso. A oposição real potencial demonstra que dois corpos que estão em um mesmo plano e possuem forças

⁸“[...] deux réalités ne se contredisent jamais l’une l’autre, parce qu’elles sont toutes deux des affirmations vrais; donc, elles ne se contredisent pas non plus dans um sujet. J’accorde tout de suite qu’il n’y a pas ici de contradiction logique, mais le conflit réel ne disparaît pas pour cela. Ce conflit se produit toutes les fois que quelque chose, en tant que principe, annihile, par une opposition réelle, la conséquence d’une autre chose”.

contrárias, mas não estão em choque, podem suprimir a força um do outro, mas esta oposição de forças permanece em potência até o momento do encontro desses dois corpos.

Quando Kant relaciona os conceitos de *força* com a *oposição real*, uma vez que ambas são configuradas no plano empírico, podemos ponderar que Kant parece iniciar um rompimento com certos princípios racionalistas. Tratando de causalidade, não podemos perder de vista o plano lógico estabelecido no *Beweisgrund*, que não possibilita a apreensão da realidade; nesse sentido, causa e efeito e oposição real caminham paralelamente, já que os eventos da causalidade ocorrem no campo sensível, bem como a oposição real que se desenrola na experiência.

O ponto de vista segundo o qual a lógica, sob sua forma tradicional de silogística, podia ser suficiente para refletir o sistema da realidade, cai por terra de uma vez por todas, pois tanto ela como seu princípio supremo, o princípio de contradição, não basta sequer para definir o que há de peculiar na relação real mais simples de todas, ou seja, a relação de causa e efeito⁹. (CASSIRER, 1948: 95, tradução nossa).

Como podemos perceber, a oposição lógica com seu princípio de contradição não dá conta de explicar a realidade e muito menos a causalidade encontrada no campo sensível; ou seja, a oposição real deve ser posta como o princípio da possibilidade da existência do conceito de simples possível engendrado logicamente, pois só assim ele terá sua posição absoluta no espaço e poderá ser configurado como uma realidade existente em que nada lhe é acrescentado, isto é, sua existência não lhe acrescenta nada em relação ao que estava contido enquanto ele permanecia como um simples possível.

Com efeito, relacionando o plano da causalidade juntamente com o conceito de força e estendendo isso ao conceito de simples possível como algo existente, podemos afirmar, com Creusa Capalbo em seu artigo *O conceito de grandezas negativas em Kant e a sobrevivência da filosofia*, que Kant aplica o conceito de força no campo da causalidade para insistir no fato de que causa e efeito se verifica na ordem fenomenal, onde a intuição sensível não permite a percepção da contradição; assim, não há contradição lógica na sensibilidade, uma vez que esta guarda a relação com a oposição real, que permite a compreensão do plano causal (1974: 403).

⁹ El punto de vista según el cual la lógica, bajo su forma tradicional de silogística, podía bastar para “reflejar” al sistema de la realidad, se viene a tierra una vez por todas, pues tanto ella como su principio supremo, el principio de contradicción, no bastan siquiera para definir en lo que tiene de peculiar la relación real más simple de todas, o sea la relación de causa e efecto.

Aqui caberiam duas questões: seria possível aproximar a oposição lógica e a posição real com o contexto do *Beweisgrund*? E se for possível, pode-se dizer que o *Ensaio* de 1763 possui uma terceira via de interpretação que não seja nem da ordem moral e nem da ordem causal? Diante disso, a relação que podemos estabelecer entre o *Beweisgrund* e as *Grandezas* consiste no que segue: o simples possível é engendrado logicamente e é dado como possível se e somente se não está em contradição; assim o conceito de simples possível é dado como existente na sensibilidade, onde o sujeito cognoscente pode construir suas representações e conhecer os objetos que ali se encontram. Nesse sentido, temos a oposição lógica que se relaciona ao simples possível no que diz respeito ao princípio de contradição; ou seja: se não se contradiz, existe. Porém, se considerarmos a oposição real em suas características de *potencial* ou *efetiva* podemos dizer que o simples possível está em potência, ou melhor, ele não está em contradição e pode constituir-se em um ser existente por meio da conjugação da oposição lógica que lhe confere a não contradição e a oposição real que lhe confere a existência, uma vez que esta atua na sensibilidade onde não se desenrola a contradição, portanto, o ser está em potência pelo viés da oposição real mesmo que este seja estabelecido primeiramente pelo viés da oposição lógica e o mesmo ser é existente por meio da oposição real efetiva que lhe concebeu a realidade – nesse ponto nossa primeira questão está respondida e, conseqüentemente, a segunda segue o mesmo resultado, pois, este seria o terceiro viés para interpretar as “Grandezas Negativas”: *atribuir a oposição real ao conceito de simples possível como um princípio que garante sua existência efetiva no campo sensível, onde se encontra a ordem fenomenal.*

A argumentação desenvolvida acima é uma possível interpretação do conceito de grandezas negativas envolvido com a crítica ao argumento ontológico presente no *Beweisgrund*. Somente com a introdução desse conceito é possível pensar em uma oposição que não se contradiz, é por meio dessa oposição (real) que Kant dá mais um passo em direção à crítica ao dogmatismo.

4 Prelúdio à revolução copernicana

Considerando o *Ensaio* de 1763 como uma obra, sob certos aspectos, de cunho crítico, devemos fixar nosso argumento no plano da própria especulação de Kant presente

nessa obra que nos conduziu a afirmações posteriores que abriram definitivamente as portas para a crítica à razão de forma bem fundamentada com a publicação da *Crítica da Razão Pura* em 1781.

No final da Terceira Seção das “Grandezas Negativas”, Kant cita Leibniz no que diz respeito à compreensão do mundo. Nesse ponto, podemos perceber que o filósofo de Königsberg não critica Leibniz abertamente¹⁰, mas aponta certa concordância com sua doutrina. Porém, o pano de fundo dessa possível concordância pode ser considerado o primeiro passo para a revolução copernicana, uma vez que encontramos no argumento de Kant dois usos que são atribuídos à faculdade do entendimento que serão apontados na *Dissertação de 1770*.

Há algo de grande e, a meu ver, de acertado no pensamento do Sr. *von Leibniz*: a alma apreende o todo do universo com sua faculdade de representação, embora apenas uma parte infinitamente pequena destas representações seja clara. De fato, todas as espécies de conceitos precisam repousar somente sobre a atividade interna de nosso espírito, como seu fundamento. Coisas externas bem podem conter a condição sob a qual se apresentam desta ou daquela maneira, mas não a força para efetivamente produzi-los. A faculdade de pensar da alma precisa conter os fundamentos reais de todos eles, tanto quanto eles devem originar-se naturalmente nela, e as aparições de noções que surgem e desaparecem devem, segundo todo aspecto, ser atribuídas somente à concordância ou à oposição de toda esta atividade. (KANT, 2005: 93, grifo do autor).

Desta citação podemos retirar pelo menos três pontos chave para o desenvolvimento do nosso argumento em favor da revolução copernicana. O primeiro no que se refere a Leibniz, temos que a alma apreende o todo do mundo, porém, somente uma parte das representações são claras e possíveis de serem compreendidas. Nesse ponto Kant está de acordo com Leibniz, pois ele afirma que os conceitos devem provir do interior do espírito (alma), uma vez que as coisas que são externas ao sujeito somente possuem a capacidade de se apresentarem de uma forma e não de outra e não são dotadas de força suficiente para produzir conceitos; assim, Kant pode dizer que a alma contém o fundamento dos conceitos que ela mesma produz. O segundo ponto concerne ao uso real e ao uso lógico do entendimento, pois, a afirmação “a faculdade de pensar da alma precisa conter os

¹⁰ Historicamente sabemos que Kant não teve acesso aos textos de Leibniz antes de 1765 ou mesmo 1769 (“grande luz de 69”) devido à tradução e publicação tardia dos textos leibnizianos; assim, Kant lança suas críticas à corrente leibniz-wolffiana, ou mesmo, a Wolff que seria o seguidor mais próximo das idéias leibnizianas.

fundamentos de todos eles [conceitos]” alude ao uso real e “as aparições de noções que surgem e desaparecem devem [...] ser atribuídas somente à concordância ou à oposição de toda esta atividade” se refere ao uso lógico.

O terceiro ponto que podemos indicar nessa citação compreende uma crítica ao princípio de contradição leibniziano, que é o pressuposto para todo o conhecimento. Porém, para Kant somente este princípio não corresponde ao conhecimento, sendo necessário a articulação com o uso real do entendimento. Nesse ponto, nosso filósofo se opõe a Leibniz e essa oposição desembocará, em alguns aspectos, na afirmação kantiana de que o entendimento e a sensibilidade são as responsáveis pelo conhecimento, já que na *Segunda Parte da Doutrina Transcendental dos Elementos da Crítica* temos a seguinte afirmação: “Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas” (KANT, 1983: 74), apontando o labor entre a intuição sensível e os conceitos puros do entendimento.

A identificação dos germes da revolução copernicana, dirigido ao trecho citado, pode ser corroborada pelo artigo de Jaume Pons (1982: 40), que afirma na mesma passagem a posição kantiana como uma preparação para a revolução que ele fará no campo do conhecimento, estabelecendo o sujeito como o detentor do conhecimento e não mais como um mero espectador; ou seja, o conhecimento só é obtido por meio das capacidades cognitivas do sujeito, que através da intuição sensível pode abarcar os objetos e submetê-los ao exame das categorias da Faculdade do Entendimento.

Com efeito, Pons afirma que os conhecimentos da razão são opostos logicamente (contradição), já que permanecem no campo das inferências e, por outro lado, o conhecimento do entendimento pode formar oposições reais (positivas) o que nos aproxima dos argumentos da *Dissertação de 1770* no que diz respeito ao uso lógico e uso real do entendimento. Isso porque o primeiro compara dados e o segundo configura os próprios conceitos do entendimento em que a relação entre o uso lógico e o uso real promove o conhecimento. Assim, percebemos uma ligação entre 1763 e 1770, além de encontrarmos uma articulação com o *Beweisgrund* no que concerne à oposição real, uma vez que a formulação lógica de um conceito de simples possível só será válido se e somente se ocorrer uma correspondência deste conceito com o sensível e este é o campo da oposição real. Caso contrário, o conceito permanecerá no campo lógico, sem existência concreta.

Para concluirmos esse ponto, cito abaixo as palavras de Kant retiradas da obra de 1770, em que ele afirma o uso lógico e o uso real do entendimento:

Ao conhecimento da sensibilidade pertence, por conseguinte, tanto a matéria que é a sensação e em virtude da qual os conhecimentos se chamam *sensíveis*, como a forma, em virtude da qual as representações, ainda que se mostrem sem qualquer sensação, são chamadas *sensitivas*. Por outro lado, no que concerne às *intelectuais*, deve antes de mais advertir-se cuidadosamente o seguinte: o uso do entendimento, ou seja, da faculdade superior da alma, é duplo: mediante o primeiro, que é o USO REAL, *são dados* os conceitos mesmos, seja das coisas seja das relações; mediante o segundo, porém, qualquer que seja a sua origem, apenas *são submetidos* os inferiores aos superiores (às características comuns) e comparados entre si segundo o princípio de contradição – este é o chamado USO LÓGICO. (2004: 40, grifo do autor).

Como podemos perceber, é nítida a aproximação com o *Ensaio* de 1763, ao menos no que se refere à oposição lógica e à oposição real. No que diz respeito à revolução copernicana, fica patente a importância que Kant concebe ao uso das faculdades cognitivas do sujeito para aquisição do conhecimento e, diante de toda a nossa argumentação desenvolvida até aqui, podemos afirmar que o caminho traçado por Kant, juntamente com seu amadurecimento diante das questões que concernem à metafísica e os limites da razão, desemboca na crítica aos racionalistas refletida nas obras da década de 1760 e na própria virada no campo do conhecimento estabelecida, seguindo a história da filosofia kantiana, no ano de 1770.

CONCLUSÃO

Diante do teatro da oposição real em contraste com a oposição lógica (em que Kant estabeleceu uma aproximação entre a matemática e a filosofia no âmbito do conceito de grandezas negativas a fim de esclarecer esse conceito e aplicá-lo aos objetos da filosofia), temos como resultado uma crítica dupla: por um lado Kant criticou os matemáticos por utilizarem o conceito *como* uma negação necessariamente contrária ao que ela se opunha, ao passo que Kant acredita que o conceito de grandeza negativa é uma grandeza positiva que não é contrária a outra grandeza positiva, mas oposta. Com isso, nosso filósofo contrasta a oposição real e a oposição lógica promovendo uma crítica tanto aos metafísicos

quanto aos matemáticos, que ao longo do tempo utilizaram essas duas oposições como equivalentes.

Nesse sentido, tomando o *Beweisgrund* juntamente com o *Ensaio*, propusemos uma possível aproximação entre as duas obras mostrando que a divisão proposta por Kant com respeito à oposição real, que pode ser tratada como efetiva ou potencial, nos conduz à interpretação da oposição real como a *possibilidade da existência do simples possível*, já que ela se desenrola na experiência e a existência do conceito de simples possível deve ser posto no espaço, ou seja, a existência é configurada como posição absoluta, o que refuta a tese logicista (princípio de contradição) como único meio para se provar a existência e o conhecimento das coisas.

REFERÊNCIAS

CAMPO, M. *La genesi del criticismo kantiano*. Varese: Editrice Magenta, 1953.

CAPALBO, C. O conceito de grandezas negativas em Kant e a sobrevivência da filosofia. In : *Revista Brasileira de Filosofia*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 96, 1974.

CASSIRER, E. *Kant, vida y doctrina*. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1948.

DAVID-MÉNARD, M. *A loucura na razão pura: Kant, leitor de Swedenborg*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

KANT, I. *L'unique fondement possible d'une démonstration de l'existence de dieu*. Paris: Vrin, 1973.

_____. *Crítica da razão pura*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores, Kant I).

_____. Acerca da forma e dos princípios do mundo sensível e inteligível. In: SANTOS, L.R. dos.; MARQUES, A. *Dissertação de 1770 seguida de Carta a Marcus Herz*. 2. ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2004.

_____. Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia. In: *Escritos pré-críticos*. São Paulo: ed. Unesp, 2005. p. 51-100.

LOMBARDI, F. *La filosofia crítica: la formazione del problema kantiano*. Tumminelli: Libreria dell'Università di Roma, 1946. v. 1.

PEREZ, D. O. *Kant pré-crítico: a desventura filosófica da pergunta*. Cascavel: Edunioeste, 1998.

PHILONENKO, A. *L'oeuvre de Kant*. 3. ed. Tomo I. Paris: Vrin, 1983.

PONS, J. C. Kant : assaig per introuir en filosofia el concepte de magnitud negativa i Somnis d'un visionari explicats per somnis de la metafísica (comentari). *Enrahonar*. Barcelona, n. 4, p. 37-45, 1982.

TORRETTI, R. *Manuel Kant : estudo sobre los fundamentos de la filosofía crítica*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Charcas, 1980.

ARTIGO RECEBIDO EM 2008